



# INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS NO MUNICÍPIO DE OURO BRANCO: SINAIS EM LIBRAS PARA TERMOS RELACIONADOS AO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DE OURO BRANCO-MG

Efigênia de Fátima Cornélio Aladim, Gisélia Maria Campos Ribeiro

fatima\_alex2008@hotmail.com, giselia.ribeiro@ifmg.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**Resumo.** *Este trabalho apresenta como tema a Inclusão das pessoas surdas no município de Ouro Branco - MG e objetiva contribuir com o processo de inclusão dos surdos em pontos turísticos desta cidade a partir da criação e catalogação de sinais referentes à Serra de Ouro Branco – MG. Há sinais da Libras que não estão disponíveis em dicionários ou glossários e há conceitos para os quais ainda não existem sinais, o que justifica este trabalho pela necessidade de criação de um glossário com sinais referentes ao Parque Estadual da Serra de Ouro Branco, que será disponibilizado como produto educacional para o Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Autores que abordam a inclusão, a história dos surdos, a Libras e a Educação Profissional e Tecnológica embasaram este trabalho que contou também com entrevistas com surdos e familiares de surdos, corroborando com o referencial teórico, e relatando suas experiências com a Serra de Ouro Branco. O processo de criação do glossário ocorreu a partir de apresentação de imagens, vídeos, explicação dos conceitos trabalhados e discussão com os surdos. Dessa forma espera-se valorizar a Libras, ampliar o vocabulário desta língua e incentivar a inclusão dos surdos.*

**Palavras Chave.** *Libras, surdos, inclusão, glossário*

**Abstract.** *This work presents as its theme the Inclusion of deaf people in the city of Ouro Branco - MG and objective to contribute to the process of inclusion of the deaf in tourist attractions of this city from the creation and cataloging of signs referring to Serra de Ouro Branco - MG. There are signs of Libras that are not available in dictionaries or glossaries and there are concepts for which there are still no signs, which justifies this work by the need to create a glossary with signs referring to the Serra de Ouro Branco State Park, which will be made available as an educational product for the Master's Program in Professional and Technological Education – PROFEPT. Authors who approach inclusion,*



*the history of the deaf, Libras and Professional and Technological Education based this work, which also included interviews with deaf people and deaf family members, corroborating the theoretical framework, and reporting their experiences with the Serra de Ouro Branco. The process of creating the glossary took place from the presentation of images, videos, explanation of the concepts worked and discussion with the deaf. In this way, it is expected to value Libras, expand the vocabulary of this language and encourage the inclusion of the deaf.*

**Keywords.** *Libras, deaf, inclusion, glossary*

## 1. Introdução

A Inclusão das pessoas surdas no município de Ouro Branco é tema deste artigo que tem como objeto de pesquisa é a sinalização em Libras de termos específicos da Serra de Ouro Branco-MG. Parte-se do suposto que a comunidade surda ainda não dispõe de sinais específicos para se referir aos termos relacionados à Serra de Ouro Branco – MG catalogados e divulgados. Desta forma, a publicação de um glossário em Libras com sinais referentes aos termos relacionados à Serra de Ouro Branco-MG poderá contribuir com a acessibilidade linguística dos surdos.

Desta forma, este artigo objetiva contribuir com o processo de inclusão dos surdos do município de Ouro Branco a pontos turísticos da cidade a partir da criação e catalogação de sinais referentes à Serra de Ouro Branco – MG. São objetivos específicos: desconstruir preconceitos em torno da surdez e da Libras compreendendo suas origens históricas e principais características, investigar a História da educação dos surdos no Brasil buscando compreender quais as tendências pedagógicas predominaram no processo de institucionalização dos surdos até chegar ao momento atual e fomentar a inclusão dos surdos na cidade de Ouro Branco por meio da publicação de um glossário em Libras com termos específicos da Serra de Ouro Branco-MG.

Ao longo da história, surdos brasileiros têm usado a Libras, língua brasileira de sinais, para se comunicar, “por estar difundida em todo o território brasileiro, é considerada a língua de sinais nacional. Por isso mesmo, foi reconhecida pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002” (QUADROS, 2019, p. 39). Esta Lei, regulamentada pelo Decreto 5626 de 2005, representou uma conquista para a comunidade surda uma vez o reconhecimento do status linguístico da Libras possibilitou maior difusão desta na sociedade. Entretanto, por ser



relativamente recente este reconhecimento, existe um obstáculo com relação ao léxico, que é ainda limitado com relação à língua portuguesa.

Considerando que a língua está em constante evolução, ampliar o vocabulário é um processo natural. Existem sinais da Libras que não estão disponíveis em dicionários ou glossários, necessitando de maior difusão da mesma forma que há conceitos para os quais ainda não existem sinais específicos. Este trabalho se justifica pela necessidade de criação de um glossário com sinais referentes ao Parque Estadual da Serra de Ouro Branco – PESOB. A publicação do glossário pretende valorizar e divulgar a Libras.

## 2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo foi preconizada a pesquisa qualitativa que está focada em “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (GERHARDT e SILVEIRA, 2019, p.32). Uma pesquisa bibliográfica foi realizada a fim de dialogar com autores que são referenciais para se refletir sobre a Libras, como QUADROS (1997, 2019), GESSER (2019) e, na área da Educação Profissional Tecnológica, como CIAVATTA (2014); e relacionar com a realidade apresentada a partir de entrevistas realizadas com surdos e pais de surdos. “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” é o que afirma PORTELLI (1997, p. 31) ao refletir sobre a relevância do trabalho usando fontes orais. Portanto, o uso de entrevistas neste trabalho proporcionou maior proximidade com a comunidade surda de Ouro Branco-MG e compreensão de sua realidade, das trajetórias educacionais vivenciadas por alguns surdos e da relação dos mesmos com o Parque Estadual da Serra de Ouro Branco – PESOB.

O acesso à comunidade surda foi possível através da Associação de Apoio aos Surdos de Ouro Branco – APOIAR – que forneceu o contato dos surdos para então dar início às entrevistas, sendo que algumas foram realizadas por meio de vídeo chamadas e outras presencialmente, a forma de participação foi escolhida pelos entrevistados. A criação da APOIAR, em 2013, ocorreu para atender a demanda da comunidade surda de Ouro Branco por uma representação própria nas situações em que necessitava buscar o



poder público. Esta associação, que tem como membros pessoas surdas, seus familiares e pessoas interessadas na causa, atua por meio de projetos e iniciativas. O contato com esta comunidade foi essencial para esta pesquisa e mostrará a realidade vivida pelas pessoas surdas com relação à inclusão. Contatos com o presidente e membros da APOIAR mostraram que o número de surdos na cidade é bastante limitado. Sendo que alguns surdos adultos se mudaram, optou-se por envolver também surdos menores, com seus respectivos responsáveis, nas entrevistas e nos encontros para criação dos sinais. Assim, a idade dos participantes varia entre 07 e 49 anos e seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

Para identificar os conceitos importantes para o Parque Estadual da Serra de Ouro Branco, há um diálogo com o projeto “Sinalização Virtual e Inclusiva do PESOB- Parque Estadual da Serra de Ouro Branco”, realizado por um professor de Biologia do IFMG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - campus Ouro Branco. Tal projeto desenvolver uma sinalização para as trilhas do Parque Estadual da Serra de Ouro Branco, com a utilização de QR codes disponibilizados em totens ao longo da Serra, turistas poderão ter acesso a informações sobre primeiros socorros e características da flora e fauna. Estas informações serão traduzidas para a Libras a fim de promover a acessibilidade às pessoas surdas. A tradução será realizada pelas tradutoras intérpretes de Libras do IFMG campus Ouro Branco. Como ainda não há sinais específicos para os pontos da Serra de Ouro Branco, o envolvimento da comunidade surda de Ouro Branco é essencial na criação de sinais para os referidos conceitos, o que será produto desta pesquisa.

Nas entrevistas realizadas com surdos e familiares, todos se colocaram à disposição para participar da criação dos sinais referentes à Serra. Pesquisas por imagens correspondentes aos conceitos para os quais seriam criados os sinais foram feitas no Plano de Manejo do PESOB e na internet. Com as imagens coletadas, houve encontros com as pessoas surdas para apresentação destas mesmas, explicação dos conceitos aos quais se referiam, discussão e criação dos sinais.

A partir dos sinais criados pelos surdos, pretende-se publicar um glossário em Libras, que será o produto educacional para o Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica –PROFEPT. Este glossário será disponibilizado na plataforma Youtube, que é uma plataforma de uso gratuito e que as pessoas surdas usam com frequência:



O site de compartilhamento de vídeos Youtube é um exemplo de espaço que democratiza o conhecimento, oferecendo programas, documentários científicos e até mesmo produções menos elaboradas que buscam se popularizar, embora com pouco rigor científico. A divulgação por meio de vídeos é muito acessível aos surdos, pois estes possuem um grande acervo atrativo e esclarecedor que, quando relacionados à Ciência, podem ajudar a torná-la mais acessível em Libras. MALACARNE E OLIVEIRA (2018, p. 292)

### 3. Fundamentação teórica, resultados e discussão

Muitos denominam a pessoa surda como muda, surda-muda e deficiente auditiva. Sobre esta questão, GESSER (2019, p.45), afirma que:

A maioria dos ouvintes desconhece a carga semântica que os termos *mudo*, *surdo-mudo* e *deficiente auditivo* evocam. É facilmente observável que, para muitos ouvintes alheios à discussão sobre a surdez, o uso da palavra *surdo* pareça imprimir mais preconceito, enquanto o termo *deficiente auditivo* parece-lhes ser mais politicamente correto.

Mudo é alguém que apresenta alguma deficiência no aparelho fonador causando impedimento na emissão de sons. Assim, denominar o surdo como mudo ou surdo-mudo é inadequado porque ele é capaz de emitir sons. O termo surdo é polissêmico, ou seja, existem conceitos distintos para defini-lo. Duas visões distintas para caracterizar as pessoas surdas são a visão clínica e a visão sócio-antropológica (BERNARDINO 2000, GESSER, 2019).

Para a visão clínica, pessoas surdas são aquelas que não têm a audição funcional para o dia-a-dia e são caracterizadas pelo grau de perda de audição. De acordo com a definição do foniatra francês Lafon: Deficiência Auditiva Leve: perdas entre 20 e 40 db (decibéis), Deficiência Auditiva Moderada: perdas entre 40 e 60 db, Deficiência Auditiva Severa: perdas entre 60 e 80 db e Deficiência Auditiva Profunda: perdas acima de 80 db (BERNARDINO, 2000). Esta visão considera o surdo como pessoa com deficiência e sempre remete à falta da audição. Na visão clínica há necessidade de correção da deficiência, que pode ser feita com uso de aparelhos de amplificação sonora, implante coclear e terapia de fala com fonoaudiólogo.



Para a visão sócio-antropológica, o que se leva em consideração é a forma de ver o mundo, que se dá pela visão mundo. Os surdos sinalizantes, sujeitos desta pesquisa, não se denominam pessoas com deficiência já que não se importam com a falta de audição, na verdade eles compreendem que têm algo a mais, que é a língua de sinais e a forma peculiar de ver o mundo através da visão. Assim, o termo deficiente auditivo é inadequado, já que “o mesmo exprime a ideia de: doença, improdutividade, incapacitação de realizar afazeres sozinhos e que, para minimizar ou até mesmo o suposto mal, deveria passar por algum tipo de tratamento médico” (CARDOSO, 2019, p. 45).

É importante refletir sobre o fato de que a maioria das pessoas surdas tem pais ouvintes. Cada surdo tem uma trajetória distinta e o processo até encontrar outros surdos e conhecer a língua de sinais influencia a sua maneira de perceber o mundo (PERLIN, 2005). A partir das entrevistas realizadas com surdos da cidade de Ouro Branco, foi possível perceber a multiplicidade de identidades. No caso de surdos menores de idade, as entrevistas foram realizadas com seus responsáveis e foi percebida a falta de informação por parte dos pais ao descobrir que seus filhos eram surdos. O desconhecimento de que a Libras é uma língua e que o surdo pode viver em sociedade usando esta língua foi real em algumas histórias. Carolina, mãe de Vanderléia de 15 anos, ao ser perguntada se inseriu a Libras logo que descobriu que a filha era surda, disse que se sentiu perdida com relação à forma de educá-la, que veio a aprender Libras a partir dos 7 anos de idade interagindo com outros surdos da cidade:

Efigênia: Você tentou inserir a Libras, logo que você descobriu que ela era surda, como foi esse processo?

Carolina: Não porque eu tava totalmente sozinha, assim, tipo, totalmente sem rumo, sabe. Eu tive que procurar com as minhas próprias, tipo assim, eu sozinha, porque não tinha uma Associação, não tinha ninguém para me orientar, ou uma outra mãe não, sabe, pra me falar o que fazer.

Diferentes modelos educacionais foram usados com surdos ao longo da história, com destaque o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Para a tendência pedagógica oralista comunicar-se oralmente demonstra desenvolvimento cognitivo. A comunicação total tenta inserir os sinais nas suas abordagens, com a mistura da língua oral



e a língua de sinais. O modelo bilíngue compreende a língua de sinais como língua natural do surdo e deve ser a língua de instrução, a língua portuguesa, na modalidade escrita, deve ser considerada a segunda língua (BERNARDINO, 2000; QUADROS 1997, 2019).

SALLES (2004, p. 56), afirma que “a grande maioria dos surdos submetidos ao processo de oralização não faz leitura labial, nem tampouco participa com naturalidade da interação verbal, pois há uma discrepância entre os objetivos do método oral e os ganhos reais da maioria dos surdos.” Práticas comuns do oralismo, que são voltadas para o treino da leitura labial e da fala não atingiram resultados satisfatórios à maioria dos usuários deste modelo educacional. Manuela, 49 anos, que participou da entrevista em Libras, relatou que estudou apenas até a segunda série. A surda entrevistada nasceu em outra cidade e mudou-se para Ouro Branco-MG em 2016.

Efigênia: Como foi sua trajetória educacional, você estudou na infância, está estudando atualmente?

Manuela: Estudei até a segunda série, era muito ruim, o português. Na área rural, estudar era difícil, não tinha intérprete de Libras, não tinha nada em Libras. No tempo que passei na escola, não entendia nada, era muito difícil. Eu não usava Libras, não sabia Libras. A aula era em português e entendia só um pouquinho. (...) Estudava com ouvintes, eu era a única aluna surda. Professor só falava, eu não entendia.

O relato de Manuela é comum a muitos surdos e mostra o fracasso escolar decorrente do Oralismo. Quando não há uma língua em comum na sala de aula, o conteúdo ensinado fica inacessível ao surdo. Dessa forma, muitos surdos passam anos na mesma série escolar e acabam desistindo de estudar. Este fato é constatado também no relato de Carlos, que nasceu em Catas Altas, onde passou sua infância e mudou-se para Ouro Branco com 16 anos. Estudou na cidade de origem até a segunda série e confirma recorrentes reprovações na primeira e na segunda série:

Efigênia: Como foi o início de sua trajetória educacional?

Carlos: Lá em Catas Altas, na primeira série, eu fui reprovado três vezes, somente depois tive a aprovação. Na segunda série fui reprovado duas vezes. Depois disso mudei para Ouro Branco.



É importante mencionar que o oralismo causou marcas na vida de muitos surdos. “Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração.” GESSER (2019, p. 50). Fato constatado na participação de Carlos na entrevista que demonstrou em vários momentos a insatisfação com as terapias fonoaudiológicas:

Para pronunciar as letras do alfabeto, eu tinha que usar a voz, minha garganta doía muito, tentava falar e sentia dor na garganta, era muito ruim. Falar a, b, c, d ficava com dor aqui na garganta, era muito ruim.

Com as dificuldades do Oralismo, surge a Comunicação Total, nesta filosofia educacional “usa-se o Português Sinalizado, que emprega sinais oriundos da LIBRAS (léxico) na gramática do português, usando simultaneamente a fala e os sinais” (BERNARDINO, 2000, p. 32). Aceitar o uso dos sinais foi considerado uma conquista, entretanto, usando simultaneamente duas línguas, a Comunicação Total desconsidera que a Libras tem uma estrutura diferente da língua portuguesa. As duas filosofias educacionais apresentadas não atendem às reais necessidades dos surdos.

Com base em estudos relacionados à educação de surdos e dos estudos linguísticos que comprovaram que as línguas de sinais são de fato línguas, surge a proposta do modelo bilíngue. Neste modelo, a língua de sinais é compreendida como língua natural dos surdos, “Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com outras pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm direito de ser ensinadas na língua de sinais.” (QUADROS, 1997, p.27)

A luta dos surdos por uma educação de fato bilíngue tem sido constante ao longo dos anos e “está estabelecida pela lei de Libras 10.436/2002, pelo Decreto 5.626/2005, pela Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2007, 2011) e pelo Plano Nacional de Educação (2014-2024).”, conforme afirma QUADROS (2019, p.149). Contudo, vale ressaltar que a Educação Bilíngue para surdos teve atenção especial em 2021, ano em que foi sancionada a lei 14.191 de 03 de agosto deste mesmo ano, que apresenta alterações na



LDB ( Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), acrescentando a modalidade de educação bilíngue de surdos. Desta forma, pessoas surdas têm assegurado o direito ao acesso aos conteúdos escolares na sua primeira língua, a língua de sinais, sendo que, no ensino bilíngue, o ensino e o uso da língua portuguesa (na modalidade escrita) devem ser compreendidos de acordo com as especificidades dos surdos, ou seja, como segunda língua. Surdos têm direito a estudar com profissionais capacitados para atendê-los da melhor forma.

Diferentes línguas de sinais são usadas no Brasil, este trabalho está focado na Libras, que é a língua de sinais usada pela maioria dos surdos brasileiros (QUADROS, 2019). A disseminação e valorização desta língua é fundamental para a promoção de uma sociedade mais inclusiva. Assim como a maioria da brasileiros, os surdos, ficam à margem de uma educação de qualidade. É anseio nacional um ensino público, gratuito e de qualidade e o Ensino Médio Técnico Integrado, modelo oferecido pelo IFMG, visa oferecer à sociedade uma educação omnilateral, isto é, pressupõe uma formação humana, que não visa ao trabalho alienador.

Do ponto de vista do conceito, formação integrada significa mais do que uma forma de articulação entre ensino médio e educação profissional. Ela busca recuperar, no atual contexto histórico, e sob uma específica correlação de forças entre as classes, a concepção de educação politécnica, de educação omnilateral e de escola unitária, que esteve na disputa por uma nova LDB na década de 1980 e que foi perdida na aprovação da Lei n. 9.394/96. Assim, essa expressão também se relaciona com a luta pela superação do dualismo estrutural da sociedade e da educação brasileira, a divisão de classes sociais, a divisão entre formação para o trabalho manual ou para o trabalho intelectual, e em defesa da democracia e da escola pública. (CIAVATTA, 2014, p. 197-198)

A visão de educação inclusiva e de equidade estão presentes nas políticas educacionais do IFMG. De acordo com o PDI 2019-2023 - Plano de Desenvolvimento Institucional, desta instituição de ensino, esta “instituição se pauta pela constante busca pelo desenvolvimento das regiões em que está inserida, por meio de educação gratuita e de qualidade, pelo fomento à inovação e ao empreendedorismo, inclusão e sustentabilidade.” IFMG (2019, p. 29). Buscando uma sociedade mais justa, a promoção da equidade é



fundamental, nesse sentido a inclusão dos surdos também pode ser considerada relevante por proporcionar a valorização da diversidade linguística e reduzir as desigualdades.

O IFMG campus Ouro Branco tem um compromisso com a preservação do Parque Estadual da Serra de Ouro Branco - PESOB. A divulgação dos sinais em Libras, por meio do glossário, contribuirá com a comunidade surda local e com as demandas sociais de maneira geral, enfatizando a relevância do parque no contexto em que o IFMG campus Ouro Branco está inserido, corroborando assim com os princípios que norteiam os Institutos Federais.

Glossários de Libras têm o propósito de ampliar o vocabulário em Libras, auxiliam na inclusão de surdos e são fonte de consulta para pessoas surdas e para ouvintes, tradutores e intérpretes de Libras. Para a criação do glossário com sinais referentes à Serra de Ouro Branco, foi necessário envolver esta comunidade surda. Nas entrevistas ficou evidente que muitos visitam a Serra, mas não usam sinais específicos para este contexto. Bruna, surda de 37 anos, ao ser questionada se conhece a Serra de Ouro Branco, relata muitas experiências vividas no local e conta, inclusive, que já fez passeio com grupo de surdos:

Bruna: Já levei um grupo de surdos para soltar pipa lá e foi muito legal, momento gostoso, de muita alegria.

Efigênia: Grupo de surdos de Ouro Branco?

Bruna: Sim, grupo de surdos de Ouro Branco, eu combinei com alguns surdos. Lá é fácil soltar pipa, elas voam alto. Eu lembro que foi o Gilberto, a Natássia, e alguns outros, reunimos o grupo e fomos.

Mesmo alguns surdos entrevistados relatando que já foram à Serra, nunca criaram sinais em Libras para os termos relacionados ao local. Com base no estudo do Plano de Manejo do PESOB e participação em reuniões do projeto Sinalização Virtual e Inclusiva do PESOB foi elaborada uma lista com os termos a serem inseridos no glossário, que são: Parque Estadual da Serra de Ouro Branco – PESOB, entrada do Parque, Poção, Cachoeira da Lavrinha, RPPN, Pocinhos do Rio Colônia, Igrejinha Nossa Senhora Aparecida, Gruta da Igrejinha, Gruta do Muro, Lago Soledade, Trilha do Muro de Pedra, Lobo Guará,



Carcará, Paca, Siriema, Beija-flor de gravata, Candeia, Embaúba, Arnica, Caroba, Canela-de-ema, Sempre-viva e Ipê.

Para criação dos sinais, foram necessários quatro encontros, que ocorreram no prédio do IFMG campus Ouro Branco, onde foram apresentadas as imagens e vídeos coletados a partir de buscas no Plano de Manejo e em sites da internet. As discussões ocorreram com base nas imagens e em informações referentes aos termos. Houve bastante interação entre os surdos presentes nos encontros e os sinais eram registrados no momento em que havia consenso.

#### **4. Considerações finais**

Através deste trabalho foi possível maior reflexão sobre quem são as pessoas surdas, que, no caso dos sujeitos deste trabalho, são pessoas que não ouvem, independente do grau de perda auditiva e têm em comum o uso da língua de sinais. O contato com a APOIAR possibilitou conhecer melhor os surdos de Ouro Branco, as entrevistas realizadas evidenciaram a realidade que muitos passaram em sua infância, que muito difere do conceito de inclusão. Ter o entendimento de que o reconhecimento legal da Libras é relativamente recente ajuda a entender o uso de metodologias inadequadas na educação de surdos ao longo da história, que ocasionaram sucessivos fracassos.

A luta pela inclusão e pela acessibilidade dos surdos nos diferentes espaços é o que motivou a pesquisa que teve como fruto a participação ativa de grande parte dos surdos do município de Ouro Branco. Mesmo surdos afirmando que já visitaram a Serra de Ouro Branco, nunca houve nenhuma forma de inclusão naquele local. Os surdos participaram ativamente dos encontros informando se conheciam o local e discutindo a melhor forma de sinalizar em Libras os termos apresentados. Os sinais eram gravados quando havia concordância entre os participantes.

Como reflexão para futuros trabalhos fica a percepção que a pesquisadora teve durante as entrevistas: ainda há muita falta de informação sobre Educação de Surdos e sobre a Libras no município de Ouro Branco. Relatos sobre a dificuldade em conseguir matrícula em Escola Regular e em conseguir Tradutor e Intérprete de Libras levam a pensar em futuros cursos a serem oferecidos pelo IFMG sobre educação de surdos, bem



como capacitações para tradutores e Intérpretes de Libras, a fim de fortalecer estes profissionais tão necessários na promoção da acessibilidade linguística.

## 5. Referências

BERNARDINO, E. L. B. **Absurdo ou lógica: os surdos e a sua produção lingüística**. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BRASIL. **Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências

\_\_\_\_\_. **Lei Federal 14.191 de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.

CARDOSO, I. G. **A criação do currículo mínimo (2013) da disciplina Libras do curso normal da rede estadual do Rio de Janeiro**. 2019, 529f. (Dissertação) Mestrado em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, 2019.

CIAVATTA, M. **Ensino Integrado, a Politecnicidade e a Educação Omnilateral: por que lutamos?** Revista Trabalho & Educação, v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 17ed. 2019.

IEF. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra de Ouro Branco: Encarte 1 Diagnóstico**. Instituto Estadual de Floresta, 2017.

IFMG. **PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional – 2019-2023**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG. Belo Horizonte, MG: IFMG, 2019.

MALACARNE, V.; OLIVEIRA, V. R. de. **A contribuição dos sinalários para a divulgação científica em Libras**. In: Ensino em Re-Vista, v. 25, n. 2, p. 289–305, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/43270>> Acesso em: 17 jul. 2022.

PERLIN, G. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos.org. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.



---

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente.** Revista Projeto História. v.14. São Paulo, 1997. p.25-39.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

\_\_\_\_\_. **LIBRAS.** São Paulo: Parábola, 2019.

SALLES, H. M. M. L. (et al). **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** v.1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.